

## Editorial

### *Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000)*

*“As flores, umas caem, outras secam, outras murcham, outras  
leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se conver-  
tem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as discretas,  
só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só  
essas são as que sustentam o mundo”.*

*Padre Antônio Vieira (Sermão da Sexagésima)*

O mínimo que se pode dizer é que estamos mais pobres, mais sós, mais desamparados, e isso é doloroso em país pobre de homens, pobre de idéias e falho de estadistas.

País cujo passado suas elites querem reescrever, para negá-lo, desfazendo suas conquistas sociais – alcançadas a preço político tão alto! – tentando destruir mesmo aqueles valores que construíram a nacionalidade, que amalgamaram nossa civilização, nossa consciência de povo e nossa cidadania, valores e saga que unificaram o território, e possibilitaram a construção de uma das mais notáveis províncias do mundo. Se cometemos, e como cometeram nossos colonizadores e perseveraram nossas elites!, os crimes da opressão, do egoísmo e da violência contra os fracos, contra os negros, contra as mulheres, contra os pobres, conhecemos, conheceu nosso povo, na construção de nosso País, as virtudes do trabalho, da solidariedade e o orgulho de pertencer a uma mesma nação. Nação cuja unidade tudo deve ao trabalho e ao sacrifício de homens e mulheres do povo.

Era com esse povo, com essa nação e com esse país pobre, que no entanto buscava o desenvolvimento e a democracia, e que já chegou a sonhar com a igualdade, que se identificava Barbosa Lima Sobrinho.

Foi esse o povo que chorou sua perda.

Durante muitos anos, principalmente nas últimas décadas, sua existência era a segurança de que alguém estava velando por nós, velando pela pátria

velando pelos seus valores, velando mesmo pela sua integridade. É isto que queremos pôr de manifesto: Barbosa reeditou entre nós os conceitos de pátria e patriotismo. Seu magistério—de escritor, jornalista, político e advogado—foi a defesa de nossa sobrevivência como povo, de um povo explorado; pela nossa sobrevivência como nação, de uma nação ameaçada em suas riquezas; pela nossa sobrevivência como projeto nacional autônomo. Um projeto questionado por uma elite alienada e forânea, descomprometida com o País, uma elite dirigente que não acredita em seu povo, uma tecno-burocracia governante colonizada intelectualmente, colonizada culturalmente e colonizada emocionalmente.

A vida toda o Dr. Barbosa foi isso: um defensor do projeto-Brasil.

Seu ofício era a defesa do desprotegido; seu magistério a defesa da liberdade. Clamou, falando muitas vezes às pedras do deserto, pelas riquezas da Pátria e ousou identificar-se como patriota e nacionalista quando patriotismo e nacionalismo são ridicularizados como arcaísmos antiprogressistas.

Pensador liberal, foi crítico da Revolução 30 e adversário do Estado Novo. Esteve na boa trincheira da luta pelo ‘petróleo é nosso’. Servo da liberdade e da dignidade humana, foi adversário do golpe militar de 1964 e combatente contra a ditadura. Integrou, como Presidente da ABI, o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, e, com a Ordem dos Advogados do Brasil, rompeu com o compromisso do sigilo exigido pela ditadura. Combateu sempre a emenda permissiva da reeleição e, até o último dia, até o último artigo, publicado quando velávamos seu corpo, verberou contra o neoliberalismo e a globalização, para ele, pseudônimos de um novo imperialismo.

Para ele, não temia dizê-lo, modernidade era a pátria livre. Democracia era a igualdade social: não se fazem países ou nações com a miséria, a fome e o desemprego.

Quando o país se cansou do autoritarismo militar, regime que, exausto, se prorrogava a si mesmo, assumiu, com Ulisses Guimarães, a anticandidatura presidencial. O que parecia mero quixotismo se transformou, graças a ele, numa campanha cívica, lembrando os grandes momentos das peregrinações civilistas de Rui Barbosa.

Começava ali, com ele, a redemocratização do País.

Sua voz e seu esforço não nos faltaram quando o país, naquele que talvez tenha sido o mais memorável movimento de massas da história republicana, foi às ruas para clamar pelas ‘Diretas-já’. Sua voz e sua pena uma vez mais se colocaram a serviço de seu país e de sua gente. Foi um paradigma para os jovens ‘caras-pintadas’.

Desde o primeiro momento, isto é, desde sempre, lutou pela Anistia, e quando ela nos chegou ditada pela ditadura, mesquinha e restrita, condenou seus limites e lutou pela sua ampliação.

Foi um incansável batalhador pela reforma agrária e pela defesa dos direitos humanos. Sob sua presidência e sobretudo sob sua liderança, as portas da ABI estiveram permanentemente abertas a todos os movimentos sociais, de particular aqueles em defesa da soberania nacional, da liberdade e da democracia. Situou-a em defesa da Amazônia, ameaçada em sua integridade, ocupada e explorada ilegalmente. Situou-a na luta contra as privatizações das empresas estatais imprescindíveis ao desenvolvimento econômico do país. Sob sua liderança a ABI lutou contra o pagamento da dívida externa.

Em momento crucial da Pátria, quando a honra do povo exigia a punição de um presidente que atentara contra a ética coletiva, foi ele o advogado de defesa do Brasil. Quando, curvado pelo peso da idade, assumiu a tribuna da Câmara dos Deputados para, falando pelo seu País, exigir o impeachment, a nação se sentiu salva. Salva em sua honra, protegida pela honra de um ancião que nenhum adversário ousaria enfrentar. Enquanto ele estivesse de pé, saberíamos que não estávamos sós.

Deputado e deputado constituinte pelo Partido Socialista Brasileiro, governador do Estado de Pernambuco, procurador do antigo Distrito Federal, escritor e, sempre, jornalista, Barbosa Lima Sobrinho fez de cada espaço de trabalho, de cada tribuna, uma trincheira em defesa do País. Sob sua Presidência, a Associação Brasileira de Imprensa foi uma cidadela de liberdade: mas não se tratava apenas de defender a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão; impunha-se a defesa da liberdade como valor da nacionalidade: a liberdade que tem um povo de construir seu próprio destino. Essa liberdade não se encontra nos textos jurídicos nem depende de regras constitucionais. Ela está na raiz de nossa civilização, de nossa história de povo. É a fonte do contrato sobre o qual se edificou o Estado.

Quando o modismo alienado implantou o desmantelamento do Estado social, ergueu sua voz em defesa do interesse público. Da educação pública, vilipendiada; da universidade pública, sucateada; da saúde pública, aniquilada. Contra o privatismo predador, defendeu aquelas empresas públicas que asseguraram as bases indispensáveis de nosso desenvolvimento, como a Companhia Siderúrgica Nacional, a Cia. Vale do Rio do Doce, a Eletrobrás, a Embratel.

Quando o neoliberalismo se instaurou no país, fez-se seu aríete, denunciando suas falácias. Foi guerreiro de luta sem quartel, diária, cotidiana, permanente. Jamais temeu a onipotência do discurso único, jamais se curvou

ao ‘modernismo’ entreguista, ao globalismo excludente de nações e povos. Seus artigos dominicais no *Jornal do Brasil* eram a lanterna acesa no meio da noite, iluminando a resistência, estimulando seus contemporâneos à resistência, ensinando-nos que ela era necessária e possível, indicando aos jovens novos caminhos, novas formas de luta, e a todos fornecendo os argumentos de sua lucidez cívica, de seu patriotismo e de sua generosidade.

Quando seu corpo baixou à tumba, envolto nas bandeiras do Brasil e da ABI, mas acima de tudo envolto em nosso carinho, a nação se sentiu ainda mais só, mais desamparada, mas muito orgulhosa de haver produzido um estadista de tal porte, da rara estirpe dos construtores de exemplos.

Ou, como dizia Vieira, a rara flor que se apega ao tronco, que se faz fruto e sustenta o mundo.

Ao grande brasileiro Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, o Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos e *Comunicação & Política* rendem o preito de sua homenagem e de sua gratidão.

***Roberto Amaral, editor***